



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIROS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Nacional de Arquivologia (6 : 2014 : Santa Maria)

Congresso Nacional de Arquivologia, 20 a 23 de outubro de 2014, Santa Maria [recurso eletrônico] : Arquivologia, sustentabilidade e inovação / organizado por Débora Flores, Andréa Gonçalves dos Santos e Flavia Helena Conrado ; coord. Daniel Flores.; revisado por Sérgio Ricardo Rodrigues [realização Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul] – Santa Maria : AARS, 2014.

Versão eletrônica. ; il. ; 4 ¾ pol.

ISBN: 978-85-68533-01-7

1. Arquivologia - Congresso. 2. Sustentabilidade. 3. Inovação. I. Flores, Débora., org. II. Santos, Andréa Gonçalves do., org. III. Conrado, Flávia Helena., org. IV. Flores, Daniel., coord. V. Rodrigues, Sérgio Ricardo., revisor V. Título: Arquivologia, sustentabilidade e inovação.

CDU: 930.25:658

Comissão Organizadora do VI CNA



Andrea Gonçalves dos Santos - Mestrado
 Camila Lacerda Couto - Especialização
 Cléo Belício Lopes - Especialização
 Daniel Flores - Pós-Doutorado
 Débora Flores - Mestrado
 Denize Brum Camargo - Graduação
 Flavia Helena Conrado - Mestrado
 Jorge Alberto Soares Cruz - Mestrado
 Maria Cristina Kneipp Fernandes - Especialização
 Mateus de Moura Rodrigues - Especialização
 Raquel Miranda da Silva - Especialização
 Rita de Cássia Portela da Silva - Mestrado
 Rosani Gorete Feron - Especialização
 Valéria Raquel Bertotti - Mestrado
 Viviane Portella de Portella - Mestrado

Comissão Central de Programação Científica



Prof. Dr. Daniel Flores (UFSM) - Presidente
 Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi (UFSM) - Membro
 Prof. Me. Jorge Alberto Soares Cruz (UFSM) - Membro
 Prof. Dr. José Maria Jardim (UNIRIO) - Membro
 Prof. Dr. Rafael Port da Rocha (UFRGS) - Membro
 Profa. Ma. Valéria Raquel Bertotti (UFRGS) - Membro

Secretaria de apoio da Comissão Central de Programação Científica



Arquiv. Ma. Andrea Gonçalves dos Santos (FURG) - Membro
 Arquiv. Mnda. Daiane Segabinazzi Pradebon - Membro
 Arquiv. Ma. Flavia Helena Conrado (IFRS/ POA) - Membro
 Arquiv. Ma. Neiva Pavezi (UFSM) - Membro

Comissão de Pareceristas - Avaliadores



Alicia Casas de Barran (EUBCA) - MERCOSUL
Ana Celeste Indolfo (Arquivo Nacional) - Inst. Arquivísticas
Ana Célia Rodrigues - UFF
André Malverdes - UFES
Angelica Alves da Cunha Marques - UnB
Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO
Anna Szlecher (UnC) - MERCOSUL
Aurora Leonor Freixo - UFBA
Beatriz Kushnir (AGCRJ) - Inst. Arquivísticas
Carla Mara da Silva Silva- UFAM
Carlos Augusto Silva Ditadi - Conarq
Carlos Blaya Perez - UFSM
Cíntia das Chagas Arreguy - UFMG
Dhion Carlos Hedlund - FURG
Eliana Maria dos Santos Bahia - UFSC
Eliandro dos Santos Costa - UEL
Eliezer Pires da Silva - UNIRIO
Fernanda Kieling Pedrazzi - UFSM
Flávio Leal da Silva - UNIRIO
Francisco José Aragão Pedroza Cunha - UFBA
Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA
Heloísa Liberalli Bellotto - USP
Janilton Fernandes Nunes - UFAM
João Eurípedes Franklin Leal - Conarq
Jorge Eduardo Enriquez Vivar - UFRGS
José Augusto Chaves Guimarães - UNESP
Josemar Henrique de Melo - UEPB
Julianne Teixeira e Silva - UFPB
Katia Isabelli de Bethânia Melo de Souza - UnB
Leandro Ribeiro Negreiros - UFMG
Marcieli Brondani de Souza - UFAM
Margarete Farias de Moraes - UFES
Maria Do Rocio Fontoura Teixeira - UFRGS
Maria Laura Rosas (EUBCA) - MERCOSUL
Maria Leandra Bizello - UNESP
Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA
Maria Virginia Moraes de Arana - UFES
Mateus de Moura Rodrigues - FURG
Paulo Roberto Elian dos Santos (Fiocruz) - Inst. Arquivísticas
Lucivaldo Vasconcelos Barros - UFPA
Luiz Eduardo Ferreira da Silva - UFPA
Renato Tarciso Barbosa de Sousa - UnB
Rita de Cassia Portela da Silva - UFRGS
Rosa Zuleide Lima de Brito - UFPB

Rosane Suely Alvares Lunardelli - UEL
Sérgio Renato Lampert - FURG
Sônia Elisabete Constante - UFSM
Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP
Úrsula Blattmann - UFSC
Welder Antônio Silva - UFMG

Comissão de Apoio



Secretária

Melina Pereira

Comissão de Divulgação

Everton Tolves
Pâmela Menezes Flores
André Grendene Azevedo
Maria Eduarda Flores

Comissão de Transportes

Daiane Regina Segabinazzi Pradebon
Comissão Artística
Arion Pilla

Comissão de Projetos

Jonas Ferrigolo Melo
Juliana Kirchhof
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues

Comissão de Inscrições, Credenciamento e Certificados

Camila Medeiros
Tamiris Carvalho
Catiana Ramiro

Comissão de Infraestrutura

Adriéli Mello
Douglas Duarte

Editoração e Revisão

Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues



Associação dos Arquivistas do RS - AARS

Biênio 2013 - 2015

Diretoria

PRESIDENTA: Débora Flores

VICE-PRESIDENTA: Andrea Gonçalves dos Santos

1ª SECRETÁRIA: Camila Lacerda Couto

2ª SECRETÁRIA: Maria Cristina Kneipp Fernandes

1ª TESOUREIRA: Raquel Miranda da Silva

2º TESOUREIRO: Cléo Belicio Lopes

CONSELHO FISCAL - TITULARES

Denize Camargo

Rosani Gorete Feron

Viviane Portela de Portela

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Daniel Flores

Flavia Helena Conrado

Jorge Alberto Soares Cruz



SUMÁRIO

| | |
|--|-------------|
| Sobre o Evento..... | 09 |
| AARS..... | 11 |
| Comunicações Orais – Eixo Epistemologia da Arquivologia e Formação Profissional..... | 12 |
| Comunicações Orais – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos..... | 328 |
| Comunicações Orais – Eixo Acesso à Informação..... | 370 |
| Comunicações Orais – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais..... | 615 |
| Comunicações Orais – Eixo Patrimônio Documental e Memória..... | 730 |
| Comunicações Orais – Eixo Gestão Documental..... | 949 |
| Comunicações Pôsteres – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais... | 1121 |
| Comunicações Pôsteres – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos..... | 1143 |
| Comunicações Pôsteres – Eixo Gestão Documental..... | 1168 |
| Comunicações Pôsteres – Eixo Patrimônio Documental e Memória..... | 1220 |

SOBRE O EVENTO

VI CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA VI CNA - 2014 Santa Maria - RS

A realização do Congresso Nacional de Arquivologia é o resultado do envolvimento e da cooperação das associações regionais de arquivistas que unem esforços com a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia – ENARA – criada em 2006 durante o II CNA ocorrido em Porto Alegre –, ademais da comunidade arquivística, atuante nas discussões em prol do desenvolvimento da Arquivologia.

Realizar um congresso, grandioso e importante como este para os profissionais arquivistas, é um trabalho árduo, mas também prazeroso, pois é ele um marco para o avanço da teoria arquivística e de suas tecnologias para a comunidade brasileira. Comunidade esta, cada vez mais, exigente e consciente da importância da gestão documental e informacional, considerando não somente a atividade fim da arquivística, mas ainda, sob um olhar na sustentabilidade e nas inovações que contribuem para o desenvolvimento e uma melhor aplicabilidade da gestão documental nas empresas e demais espaços de atuação do profissional arquivista.

Assim, em um congresso nacional como este, é sabido que as discussões geradas neste grandioso evento, espaço para o conhecimento e debates teóricos, enriquecem ainda mais a comunidade científica e ampliam, conseqüentemente, as discussões acerca da Arquivologia e sua teoria no Brasil.

Como contribuição para os profissionais envolvidos no evento, que ocorre na união de uma comunidade nacional em um mesmo espaço, enriquece a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, representando, portanto, um elemento importante no desenvolvimento da comunidade científica no âmbito da educação superior contemporânea.

Os congressos nacionais de arquivologia, que vêm acontecendo desde 2004, têm contribuído significativamente às discussões de classe. Cada evento vem carregado de ideias e visões, que ao longo dos dias são debatidas pela comunidade arquivística, resultando assim em novos conceitos, novos conhecimentos, potencializando o papel do arquivista na sociedade contemporânea, sendo o cerne do desenvolvimento de políticas e leis que se tornaram referência em outras áreas do conhecimento.

A realização deste evento é a oportunidade de atualização dos profissionais participantes, explorando novas tendências na gestão documental, trazendo-se temas de abordagem contemporânea e oportunizando, ainda, a presença de palestrantes de renome nacionais e internacionais.

As comissões organizadora e científica somam esforços para apresentar uma programação que venha fomentar amplo debate sobre as questões da atualidade na gestão arquivística e da gestão da informação, com vista a construir uma perspectiva para evidenciar as discussões acadêmica e científica, considerando as diferentes dimensões, na dicotomia: educação superior e vida profissional. Isso significa fortalecer os princípios para com a arquivística e a gestão da informação, propiciando uma formação acadêmica e uma atuação profissional que articule

organicamente com o conhecimento científico, técnico, político e, ainda, uma postura ética.

A interação entre as diversas formações e campos de atuação do profissional, proporciona troca e difusão de conhecimento, pressupondo sujeitos comprometidos com a evolução teórica e tecnológica da sua área de atuação. Desta forma, o evento visa divulgar, refletir e discutir as novas tendências da gestão arquivística e da gestão da informação, integrando seus diversos atores: docentes, discentes, gestores, técnicos, profissionais e comunidade em geral.

Desde a década de 70 o Brasil tem por tradição realizar congressos nacionais de arquivologia. Mas foi o ano de 2004 que ficou marcado em virtude da sequência dos congressos sofrer alteração.

Assim, o I Congresso Nacional de Arquivologia - CNA se realizou na cidade sede do governo federal, Brasília em 2004, tendo como tema “Os arquivos no século XXI”.

O II CNA, se realizou na acolhedora cidade de Porto Alegre em 2006, tendo como tema “Os desafios do arquivista na sociedade do conhecimento”. Este encontro foi um marco para o arquivologia nacional pois neste congresso se criou a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia, a ENARA, que desde então, passou a organizar os CNAs junto com a associação regional do estado sede do congresso.

O III CNA se realizou na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro em 2008, tendo como tema “A Arquivologia e suas múltiplas interfaces”.

O IV CNA se realizou na linda cidade de Vitória em 2010, tendo como tema “A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias da informação”.

O V CNA se realizou na bela cidade de Salvador em 2012, tendo como tema “Arquivologia e internet”.

E agora, o VI CNA, em 2014, se realiza no coração do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. É o primeiro congresso nacional que ocorre em uma cidade que não é uma capital, e que nos enche de orgulho poder sediar e acolher estes profissionais que aqui chegam para discutir e compartilhar conhecimentos da Arquivologia.

O VI CNA conta com sessões plenárias apresentando temas como “A Diplomática Contemporânea e a Epistemologia da Arquivologia”, “Inovação em acesso e preservação digital” e “Avaliação de documentos: metodologia, procedimentos e implicações”. O evento conta também com quatro mini-cursos: “Preservação digital”, “Diplomática contemporânea”, “O documento arquivístico digital” e “ISO30300” com ministrantes do Brasil, Espanha e Portugal, além das comunicações orais e apresentação de pôsters.

As apresentações foram divididos por eixos temáticos: Epistemologia da Arquivologia e formação profissional, Inovação e sustentabilidade em arquivos, Acesso à informação, Documentos arquivísticos digitais, Patrimônio Documental e memória e Gestão Documental.

A AARS

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS), criada em 1999, surgiu a partir da extinção dos Núcleos da Associação dos Arquivistas Brasileiros em julho de 1998, quando os associados do Núcleo Regional do RS se reuniram e, após muita discussão, aprovaram a constituição de uma associação estadual. Na ata de fundação, constavam 32 associados, que, com muita disposição, conseguiram criar uma entidade forte e reconhecida nacionalmente. A Associação é dirigida por uma diretoria eleita por dois anos.

Atualmente, a AARS conta com mais de 270 associados, já foi representante das associações de classe no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e Coordena a gestão da Executiva Nacional de Associações de Arquivologia do país até a realização do VI CNA. No ano de 2007, a AARS conseguiu sua inscrição na Seção de Associações Profissionais - SPA, do Conselho Internacional de Arquivos CIA. Em 2006, a Associação promoveu o II Congresso Nacional de Arquivologia, com aproximadamente 500 participantes. E hoje, mais uma vez reafirma sua dedicação em prol dos profissionais arquivistas.

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul tem por objetivos: a) promover a defesa dos interesses dos profissionais que atuam na área da arquivologia; b) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural dos profissionais de arquivo; c) cooperar com os órgãos governamentais e entidades nacionais e internacionais; públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos; d) promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho arquivístico, por meio de estudos, congressos, conferências, exposições, cursos, seminários, mesas redondas, e outras atividades; e) estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres; f) participar dos eventos que se relacionem com as atividades da área; g) colaborar com o Arquivo Nacional, os arquivos estaduais e municipais, no desenvolvimento de políticas de arquivo; g) a representação judicial ou extrajudicial dos associados mediante autorização da Assembleia Geral.

A atual diretoria da AARS tomou posse em 29 de julho de 2013, e tem seu mandato até julho de 2015. Além das atividades de defesa profissional, como divulgação da regulamentação da profissão, intervenções em concursos irregulares com vagas para arquivista, cursos de capacitação e treinamentos, a AARS enfrenta em 2014 um novo desafio. Após sediar em 2006 o então II Congresso Nacional de Arquivologia, a AARS recebe novamente o evento, porém na sua VI edição.



COMUNICAÇÕES ORAIS

EIXO:

**DOCUMENTOS
ARQUIVÍSTICOS
DIGITAIS**

PERSPECTIVAS DE APLICAÇÃO PRODUTOS E SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES NOS ARQUIVOS PRIVADOS PESSOAIS

Ana Cláudia Cruz Córdula
Ananda Fernandes Valério
Patrícia Maria da Silva
Dereck Warwick da Silva Tavares

RESUMO

O presente artigo tem como escopo trazer à tona o potencial que os produtos e serviços de informações aliados com a tecnologia, carregam quando aplicados ao cenário dos arquivos privados pessoais. Tornando-se uma ponte para a disseminação da informação, bem como para ampliar o acesso a esses acervos. Outro ponto relevante é o fato dos estudos na área de produtos e serviços em torno das informações arquivísticas serem escassos, nesse sentido visou-se despertar a importância dessa interseção como meio disseminador, viabilizando o acesso e o possível uso dessas informações. A pesquisa, realizada é do tipo bibliográfica, caracterizada como exploratória e descritiva. Diante desse contexto, verificamos a possibilidade da construção de alguns produtos e serviços para direcionados aos arquivos pessoais, viabiliza uma aproximação entre o usuário da informação e a informação que permeia esses acervos, independente da sua localização geográfica. Esse cenário proporciona uma possibilidade de ampliação das pesquisas nesses acervos, bem como traz a possibilidade de disseminar essas informações, permitindo uma interação com a sociedade, que passa a ser usuário potencial desses produtos e serviços no meio digital.

Palavras-chave: Produtos e serviços. Informação Arquivística. Arquivo Privado Pessoal.

ABSTRACT

The present article has the objective to bring out the potential that the products and information technology services to allies, carry when applied to the scenario of personal archives private. Becoming a bridge to the dissemination of information as well as an amplifier to access these collections. Another relevant point is the fact that studies in the area of products and services around the archival information is scarce in this sense is aimed at awakening the importance of this intersection as a disseminator half, enabling the access and the possible use of such information. The survey, conducted literature is the type and field, characterized as exploratory and descriptive. From this corpus, we seek to make the intersection of the triad, private personal archive, information products and services, and information technology. Accordingly built some products and services for this archive, fostering realize the feasibility and efficiency of this intersection. We will be offering a possibility for expansion of research in these collections, as well as being a means disseminating such information, allowing an interaction with society, which happens to be a potential user of that service in the digital environment.

Keyword: Products and Services. Archival Information. Private Personal Archive.

1 INTRODUÇÃO

A chegada do século XX, reflete o surgimento e expansão do computador, e com isso, muitas alterações ocorreram nos mais variados contextos, entre eles, o político, o econômico e de uma maneira marcante o social. Esse cenário tecnológico permeia uma carga de influências também no fazer arquivístico, trazendo a necessidade do profissional de arquivo buscar o aprendizado e a prática de novas

formas de produção, fluxo, armazenamento e disseminação das informações agregadas ao documento arquivístico.

A popularização da Internet, nos mais variados grupos sociais e o surgimento de sistemas automatizados pode ser percebida pelo crescimento exponencial no número de páginas pessoais e de empresas, divulgando os eventos e serviços, o que reflete diretamente no crescimento de produtos e serviços de informação no meio digital, entre eles: construções de sites, blogs, a utilização de redes sociais, além das visitas guiadas, entre outros serviços. Porém, no campo dos arquivos privados pessoais, essa realidade ainda está sendo trilhada, percebemos assim, o quanto é escasso esse entrosamento tecnológico, com o meio físico. Mesmo em meio à essa realidade, analisa-se que estes produtos e serviços, são tão importantes para os arquivos privados pessoais, como para qualquer outro dispositivo de informação, entre eles: bibliotecas, museus, centros de documentação, e até mesmo, outros tipos de arquivos, partindo do pressuposto, que através de suas aplicações/utilizações, a informação passa a ser disseminada mais rapidamente, o que contribui para seu acesso e uso conseqüentemente, por parte do usuário.

Dessa forma, Guilhem (2010) afirma que construção de produtos e serviços de informação tornam-se pontos condutores das organizações/instituições no meio digital, possibilitando uma interação com os usuários, focando-se no atendimento da sua necessidade.

Capurro e Hjørland (2007, p.174) acrescentam, relatando que a produção, distribuição e acesso à informação estão no centro da nova economia, dessa forma na atual sociedade, tida como de economia globalizada, as maiores necessidades pautam-se na transmissão de informações.

Diante do cenário científico voltado para o escopo dos produtos e serviços da informação, percebemos uma preocupação maior, em torno dos estudos voltados para as informações que permeiam as bibliotecas. Sendo escassa a produção voltada para o estudo de produtos e serviços em torno das informações arquivísticas.

Dessa forma o presente artigo foi construído, no intuito de vislumbrar a possibilidade de disseminar as informações imersas nos arquivos privados pessoais, através da utilização de produtos e serviços de informação utilizando o meio digital. Sabendo-se que esses arquivos carregam em si as características vinculadas ao

seu produtor e que em sua grande maioria, são constituídos de forma muito particular, nem sempre estando disponibilizado em um espaço físico específico, aberto ao público, surge o questionamento: como poderíamos pensar uma maneira de disseminarmos essas informações sem necessariamente vinculá-la a um espaço físico?

Nesse sentido, buscamos analisar essa interseção entre a tríade, internet, informação e arquivo privado pessoal, convergindo na criação de produtos e serviços de Informação.

2 ARQUIVO PRIVADO PESSOAL: UMA SEARA A SER (RE)SIGNIFICADA

O termo arquivo surge do latim “*archivum*”, relacionado ao lugar onde se guardam documentos, o mesmo tem sido compreendido em ângulos variados. No nosso artigo optamos pelo direcionamento do arquivo enquanto instituição informacional, privilegiando o aspecto físico, material, técnico e principalmente em sua dimensão informacional, que está atrelada ao conjunto de documentos que o compõe. Veremos a seguir alguns conceitos que permeiam o Arquivo, em suas variadas acepções.

De acordo com a Lei 8.159/91 que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências, em seu artigo 2º, os arquivos são conceituados como:

Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos (BRASIL, 1991).

Diante dos conceitos observados em nosso estudo, destacamos o do Dicionário de Terminologia Arquivística que agrega uma visão mais ampla, trazendo uma libertação do seu conceito como local unicamente de guarda de documentos no suporte papel. A definição apresenta uma evolução, quando abarca outras tipologias de documentos utilizados pela administração moderna, e que se apresentam em suportes diversificados. Além disto, o dicionário preconiza que estes documentos passam a ser guardados para fins de prova ou informação, percebendo-se uma visibilidade à cerca do contexto informacional que o permeia. Dessa forma, a

informação passa a ser um dos componentes fundamentais do processo.

Quanto a classificação dos arquivos, Bellotto (2002), considera que existem duas categorias, os arquivos públicos e os arquivos privados. Nesse sentido ela afirma: “Fundamentalmente não há mais do que duas categorias de arquivos: os públicos e os privados. Os mais são idades (arquivo corrente, arquivo intermediário e arquivo histórico) ou são modalidades, dentro daquelas duas categorias.” (BELLOTTO, 2002, p. 27).

Os arquivos públicos equivalem aos que recebem e/ou produzem documentos de natureza pública, assim os fundos documentais são formados e estruturados com documentos provenientes de instituições públicas, sejam elas órgãos federais, estaduais e municipais (PAES, 1997). Já os Arquivos privados, podem ser caracterizados, como organismos que tem como objetivo central, salvaguardar documentos relacionados à pessoa física ou instituição privada com a finalidade de disponibilizar os conjuntos de documentos visando o seu caráter probatório ou a sua demanda informacional, implícita na documentação que compõe o acervo (BERNARDES, 1998).

Nos meandros do arquivo privado pessoal: “Pode definir-se como o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias, profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc.” (BELLOTTO, 2006, p. 266). A autora explicita alguns documentos que podem integrar um arquivo privado pessoal, fazendo valer a menção de que foram produzidos em razões distintas, que atingindo certo grau de relevância social, já às tendo cumprido ou mesmo estando em andamento, despertam interesse para posteridade.

Nesse sentido, os documentos pessoais, quando tomados em conjunto, podem revelar não apenas a trajetória de vida, mas também gostos, hábitos e valores do indivíduo, constituindo o seu arquivo pessoal. Por tanto, podemos considerar que os Arquivos Pessoais, são constituídos por conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas. Nesse sentido, Ducrot (1998) afirma que os arquivos pessoais constituem valiosas fontes de pesquisa, seja pela especificidade dos tipos documentais que os caracterizam, seja pela possibilidade de oferecer informações.

Sendo justamente na perspectiva de atualização e acompanhamento do ritmo

acelerado das tecnologias da informação que o arquivo assume um papel mais consolidador voltando-se para coleta, salvaguarda, preservação, armazenamento e, sobretudo, na disseminação da informação, objetivando o encontro da sociedade com essa informação.

Nesse contexto, os arquivos, enquanto lugares de informação, às vezes até em espaços virtuais, caracterizam-se pelo fluxo informacional, no qual o foco não é apenas o documento e a sua organização, mas, sobretudo, o conteúdo informacional e sua disponibilização para a sociedade (JARDIM, 1998). A ideia é que não se perceba o arquivo privado pessoal como um lugar de guardar e preservar a memória apenas, mas sim um lugar onde a informação passa a seu componente fundamental.

3 PRODUTOS E SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA

Diante desse contexto, trabalharemos nos moldes dos produtos e serviços, que possam ser prestados às unidades de informação, através de uma convergência com o universo tecnológico. Sendo importante percebermos que muitas vezes o produto é também um serviço, nesse sentido, por exemplo, um livro pode ser considerado como um produto, enquanto que a sua venda, o seu marketing são serviços vinculados ao produto. No contexto do nosso trabalho, analisemos o *blog*, este por sua vez pode ser um serviço prestado à unidade de informação, bem como um produto desta unidade de informação, abraçando, portanto, os dois universos.

Confluindo os entornos dos produtos e serviços atrelados à informação no contexto tecnológico, percebe-se que com as mudanças no cenário global nas últimas décadas está ocorrendo além do crescimento exponencial da informação, uma maior valorização atribuída ela. Assim, na contemporaneidade, a informação torna-se cada vez mais evidente, e o seu armazenamento, distribuição, acesso, e uso está sendo mais facilitado pela sua interseção com a tecnologia. O objetivo maior volta-se para o acesso à informação, e esse caminho é trilhado pelo uso dos mais variados suportes tecnológicos.

Cunha (2000, p.73) afirma que ao longo dos anos, a convergência digital dos vários meios de comunicação, entre eles o impresso, o vídeo e o sonoro, tem causado profundas transformações na maneira de lidar com duas vertentes

complementares: o ambiente informacional e as práticas profissionais. Ambas estão envoltas no uso constante das novas tecnologias disponíveis, que são adotadas no cenário informacional. Nesse sentido, o ambiente deixa de ser apenas presencial, e passa a ser também virtual, o que leva a uma necessidade de adequação, aceitação e uso das novas tecnologias.

Com esse olhar, direcionamos a importância da aplicação de produtos e serviços nos arquivos, tendo em vista o arcabouço informacional que o arquivo carrega atrelado à documentação que o origina. Nesses meandros percebemos que a viabilidade de produtos e serviços de informação através tecnologia, vem somar ainda mais valor à informação arquivista atuando como meio facilitador no processo de disseminação da informação, além de agregar-se como um forte viés na preservação da memória, principalmente no cerne dos arquivos privados pessoais.

Morigi e Veiga (2007) relatam que o arquivo deve prover o acesso às informações que estão sob seu controle, guardados os requisitos legais. Entretanto, os esforços dos profissionais para promover a acessibilidade às informações esbarram na ausência de uma preocupação muitas vezes por parte do profissional arquivista, em buscar os meios tecnológicos um facilitador nesse processo.

No cenário dos arquivos privados pessoais, é importante avançar desde a perspectiva teórica até as ações que, na prática, garantam uma integração efetiva do arquivo com o mundo da informação e da comunicação. Dessa forma, ao alavancarmos os produtos e serviços no contexto dos arquivos privados pessoais, estamos possibilitando o acesso público, a um estoque de informações variadas, trazendo à tona não apenas a trajetória de vida do produtor, mas o contexto social em que ela está inserida, assim estará propiciando que estas informações subsidiem debates das questões de interesse coletivo. Diante desse cenário, traremos alguns dispositivos capazes de possibilitar a construção de produtos e serviços no meio digital, fomentando a disseminação da informação que permeia os arquivos. Assim, destacamos entre eles: *blogs*, vídeos, redes sociais, repositórios digitais e *folder*.

De acordo com Friedman (2007), o *blog* é considerado como uma forma de uploading, auto-organizado. Sendo uma tribuna virtual, possibilitado organizar-se em formato de coluna, folheto informativo ou apenas dissertação. O autor do *blog* envia o arquivo com o conteúdo para seu próprio *website*, à partir desse momento, ele lança essas informações no meio virtual e aguarda o acesso do público (usuários), permitindo uma interação através de opiniões e comentários que é

facultado aos que acessam as informações. Nesse sentido, o *blog* possibilita além da publicação por ordem cronológica, traz à capacidade de agregar ao texto, elementos de multimídia como fotos, imagens, áudios, vídeos, além de outros tipos de imagens. Permitindo, que o usuário interaja através da postagem de comentários, questionamentos ou até mesmo tragam contribuição ao meio. Dessa forma, percebemos que o *blog* pode ser um fio condutor, para os arquivos privados pessoais.

Admitindo assim, o acesso ao acervo, através de fotografias, de documentos digitais, áudios, vídeos, que remontem a realidade do acervo, trazendo à tona a possibilidade de acesso às informações. Nesse sentido o *blog* pode emergir no cenário dos arquivos privados pessoais como uma possibilidade de dar voz não só ao acervo, mas também a todos que o acessarem, através de um “diálogo”, permitindo o compartilhamento da informação, e o *feedback* do usuário, que se dá pelos seus comentários.

O vídeo não é algo recente, mas com o avanço da tecnologia, sua produção tornou-se mais popular e menos onerosa nos últimos anos, trazendo à possibilidade das pessoas filmarem e editarem seus próprios vídeos em seu próprio domicílio.

O vídeo pode ser percebido mais como uma alavanca para o serviço de informação, pois ele pode atuar como um divulgador e disseminador do serviço da informação no meio digital. Nesse sentido com relação aos arquivos privados, fazem valer, a história do produtor, trazendo à tona o seu papel social, como porta-voz da informação. Podemos também através do vídeo trazer à tona o próprio acervo, o seu lugar de guarda, até mesmos as práticas arquivísticas aplicadas ao acervo. Este é um serviço simples e de baixo custo, podemos utilizar o próprio blog, ou lança-lo diretamente em portais como: *Youtube*, *Google Vídeo* e *Yahoo Vídeo*, entre outros.

O avanço tecnológico trouxe com ele o avanço na comunicação, nesse sentido a internet pode ser percebida como um protótipo de novos meios de interação/ comunicação (MARCUSCHI, 2004). Possibilitando assim a interação em tempo real, passando a participar do cotidiano da sociedade. Assim as redes sociais surgem como meio interativo entre as pessoas em tempo real, trazendo à tona as relações entre duas ou mais pessoas.

Segundo Viana (2011, p.59), “uma rede social pode ser pensada como um agrupamento de indivíduos similares interconectados entre si, destinados ao exercício de determinada função ou ação.” Nesse sentido o autor, revela que a rede

social pode ser vista como um conjunto de pessoas, suas relações e ao menos um ponto de interseção entre elas.

Os vínculos sociais entre os participantes de uma rede social é o eixo central que a faz funcionar, sendo justamente o vínculo que faz a aproximação, do grupo, e conseqüentemente possibilita a troca de informação nas redes sociais. Nesse sentido, a internet, é um intermediador dos pensamentos, gostos, culturas, interesses, enfim, um elo que os uni possibilitando a formação dessa trama de múltiplas relações.

Os atores nas redes sociais são representações das pessoas reais, participando ativamente das redes sociais, e nesse contexto evidenciamos no nosso cotidiano, o *Facebook*, o *Twitter*, e um pouco menos o *Orkut*. Assim, navegar no universo das redes sócias, torna insignificante a questão geográfica, pois nos territórios do ciberespaço, não existe a noção de lugar em seu contexto geográfico. Nesse sentido os participantes dessas redes têm a possibilidade de trocar informações, seja através de texto, de música, de imagem, dependendo dos recursos da rede social que participem (VIANA, 2011).

É cabível avaliarmos as redes sociais, como uma possível facilitadora, na disseminação da informação que permeiam os arquivos, principalmente os privados pessoais, possibilitando uma interação com pessoas que de certa forma comunguem sobre o interesse da temática do acervo, possibilitando a sua divulgação no meio digital, e conseqüentemente a disseminação das informações que o permeiam.

Quanto aos repositórios digitais, estes são conceituados como uma forma de armazenamento de objetos digitais que tem a capacidade de manter e gerenciar material por longos períodos de tempo e prover o acesso apropriado, sendo classificados como: institucionais ou temáticos (VIANA E ARELLANO, 2006, p.2).

Os institucionais lidam com a produção científica de uma determinada instituição, enquanto que os temáticos com a produção científica de uma determinada área, sem limites institucionais. Nesse sentido, nos moldes da nossa pesquisa transitaremos sob o prisma dos repositórios temáticos tendo em vista, que se vislumbra a sua implementação no contexto dos arquivos privados pessoais. Existem várias plataformas para construção de repositórios digitais, entre elas: DSWare; EPrints; Fedora; ARNO; MyCoRe; Archimède; iTor; Bepress; DSpace.

Apesar da variedade, Viana e Arellano (2006) apontam que os mais utilizados são o DSpace e o EPrints.

Entre eles, o DSpace seria o software mais apropriado para trabalhar no contexto dos repositórios dos arquivos privados pessoais. Em detrimento de algumas vantagens elencadas por Shintaku e Meireles (2010, p. 19), a primeira delas é o fato do DSpace ser um aplicativo de computador que implementa um repositório, além disso, baseia-se na filosofia livre; gerencia e preserva objetos digitais facilitando a recuperação; sendo um serviço de informação que disponibiliza aos seus usuários documentos digitais de forma facilitada, formando assim uma grande rede de serviços de informação. O mesmo possui arquitetura simples sendo, resultado de esforços de investigação e desenvolvimento do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e da Hewlett-Packard (HP). Outro ponto relevante é o fato do DSpace ser um software bastante utilizado por instituições de ensino superior (IES), inclusive pelo Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da UFPB, sendo recomendado pelo IBICT, possuindo padrões de interoperabilidade, possibilitando diálogo entre os sistemas de informação.

No Brasil, percebe-se um cenário de crescimento no âmbito da ciência e tecnologia, tendo em vista, os esforços do governo federal no direcionamento de recursos destinados ao setor de Ciência e Tecnologia, destacando-se o incentivo e a utilização de software livre, em especial nos repositórios digitais. Nesse sentido Kuramoto (2006, p. 100), relata que o Brasil ocupa o 4º lugar entre os países que possuem mais repositórios digitais de acesso livre, perdendo apenas dos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha.

Assim, o repositório digital pode ser visto como uma forma de armazenamento de objetos digitais, com capacidade de manter e gerenciar material por longos períodos de tempo e prover o acesso apropriado (VIANA, ARELLANO, SHINTAKU; 2005). O que traz todo um arcabouço interessante de ser aplicado aos arquivos privados pessoais, como um meio de trazer à tona as informações que o permeia, possibilitando a sua disseminação. No presente trabalho não foi realizada a aplicação desse recurso.

O *Folder* é uma palavra em inglês que pode significar folheto, brochura, *flyer*. É um documento escrito que tem uma dobra (*fold* em inglês) e tem o objetivo de apresentar informações. Nesse sentido mesmo não sendo viabilizado apenas no meio digital, o folder pode ser utilizado como um agregador de informações, tanto no

meio material, como no meio digital. Podendo atuar como um promotor de um determinado serviço, dessa forma adequa-se também ao serviço de informação, remontando a sua estrutura organizacional, o seu acervo, local e hora de funcionamento, enfim informações importantes principalmente no que tange a divulgação. Para confecção do folder existem vários programas que ajudam a fazê-lo, entre eles: o *CorelDraw*, o *Fireworks*, o *PhotoShop* e até mesmo o *World*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desenvolvimento deste trabalho, podemos analisar que a construção de produtos e serviços de informação no âmbito digital possibilita uma interação com os usuários, visando cada vez mais suprir as suas necessidades informacionais. Nesse sentido, o crescimento de produtos e serviços na *web*, facilita a disseminação, o acesso e o uso da informação.

Diante da carência de estudos focados nos produtos e serviços da informação arquivística, esperamos contribuir no meio científico, e despertar interesse de outros profissionais à cerca da temática, vislumbrando a ampliação desses estudos, contribuindo assim para o seu aprofundamento.

Com relação à interseção dos produtos e serviços para o arquivo privado pessoal, percebemos que este universo informacional existe independente de sua estrutura física, e enquanto lugar de memória e informação, a tecnologia quando aliada aos produtos e serviços, possibilita a construção de um cenário digital. Trazendo assim, para o usuário, o universo informacional autônomo com relação à sua localização geográfica, fomentando que a informação seja disseminada de uma maneira organizada na *web*, estando ao alcance da sociedade através dos produtos e serviços, como os *blogs*, vídeos, *sites*, redes sociais, repositórios digitais, entre outros.

Dessa forma, ao aproximarmos o usuário da informação que permeia o arquivo privado pessoal enquanto unidade de informação, através dos produtos e serviços, estaremos proporcionando uma possibilidade de ampliação das pesquisas nesses espaços, além de torná-lo um meio de mediação e de comunicação permitindo uma interação com a sociedade.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, H. L. Arquivística objetos, princípios e rumos. São Paulo Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

BELLOTTO, H. L.. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BERNARDES, L. P. **Como avaliar documentos de arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

BRASIL. Lei nº 8.159, de 09 de janeiro de 1991. **Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 jan.1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8159.htm> Acesso em: 19 jan.2014.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007.

CHAGAS, Pedro Dolabela; PEREIRA, Ingrid Michelle Lopes. Arquivo e Memória: Uma Análise dos Conceitos de Arquivo Segundo Michel Foucault e Roberto Gonzalez Echevarría. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2 p. 319-331 jul./dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/620/745> Acesso em : 10 jan de 2014.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.1, p.71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/269/237> Acesso em: 17 jan. 2014.

DICIONÁRIO de terminologia arquivística. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993. 258

DUCROT, Ariane. A Classificação dos Arquivos Pessoais e Familiares. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, nº 21 (Arquivos pessoais), 1998.

FRIEDMAN, T. L. **O mundo é plano**: uma breve história do século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

GUILHEM, Cristina Benedeti. **Tendências de produtos e serviços na web no contexto das bibliotecas universitárias**. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Londrina, 2010.

JARDIM, J. M.. A informação como projeto de igualdade. **Informare**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.39-48, jan./jun, 1998.

KURAMOTO, H. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 91-102, maio-ago. 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 11-67.

[MORIGI, V. J.](#) ; VEIGA, A. . Os Arquivos Públicos como Esfera Pública Informacional na Construção da Cidadania. **Informação & Sociedade**. Estudos, v. 17, p. 31-39, 2007.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo teoria e prática**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

SHINTAKU, Milton; MEIRELLES, Rodrigo. **Manual do DSpace**: administração de repositórios. Salvador: EDUFBA, 2010. 83p.

VIANA, D. H. DE M. **Repositório de Compartilhamento De Informações**: Análise de Twitter De Vereadores Da Cidade De João Pessoa/PB, 2011, 157f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, 2011.

VIANA, C. L. de M.; ARELLANO, M. A. M. **Repositórios Institucionais Baseados em Dspace e Eprints e sua Viabilidade nas Instituições Acadêmico-Científicas**. In XIV Seminario Nacional de Bibliotecas Universitarias, Outubro, 2006.

VIANA, C. L. M.; ARELLANO, M. A.M.; SHINTAKU, M. **Repositórios Institucionais em Ciência e Tecnologia: Uma Experiência de Customização do Dspace**. In: PROCEEDINGS SIMPOSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2005, São Paulo. Anais. São Paulo. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/7168/1/viana358.pdf> Acesso em: 5 fev 2014.